longa não ultrapassa os oito minutos, e o certo é que esta perspectiva de miniaturização tem claros efeitos sobre o curso dos acontecimentos. Em vez do habitual "free-flowing", temos um curioso sentido de síntese, e isso leva a que os quatro músicos virem as suas atenções (provavelmente até demasiado) para a exploração de técnicas extensivas nos seus respectivos instrumentos. Daí resulta algum assombro na audição, mas também a impressão de que se está a percorrer um catálogo de efeitos.

Totalmente improvisado também, mas mais distante do jazz, é "Alive at Sonorités", com o mesmo Daunik Lazro, desta vez unicamente no barítono, acompanhado pela voz do britânico Phil Minton. Gravado ao vivo e a quente, este álbum é um bom exemplo das lógicas improvisacionais, com um Lazro impecável e com um som cada vez melhor no seu segundo saxofone e um Minton que só peca por não perceber que em certos momentos devia apagar-se, coisa que, de resto, o seu parceiro faz com inteligência e sensibilidade. Onomatopaica mas com uma verve poética, textural na forma como "ocupa" plasticamente os espaços mas também com uma percepção de fluxo que lida bem com a natureza temporal da música, a performance documentada neste CD pode ser abstracta e difícil, mas seduz e convence. A Émouvance continua a oferecer-nos execelente música, mantendo a fasquia muito em cima.

Norbert Stein Pata Music & NDR Big Band: "Graffiti Suite" (Pata Music)

A NDR Big Band é uma formação alemã de créditos mais do que firmados, mas em "Graffiti Suite", sob a direcção de Norbert Stein – autor, também, da composição –, ultrapassa tudo o que poderíamos esperar dela. Uma orquestra de jazz (o jazz entendido com uma perspectiva europeia, a que não são alheias influências da música "clássica" contemporânea) concebida como máquina tonitruante, sólida na fundamentação rítmica, geralmente seguindo métricas complexas e fracturadas, e particularmente musculada no que respeita ao papel dos sopros, a começar pelos poderosíssimos uníssonos, mas em muitos casos preferindo combinações parciais de timbres à massa de sons. Exemplar no modo como se organiza, com rigores de relojoaria na gestão do contraponto e da politonalidade, é também flexível o suficiente para se atirar a situações "free form" com uma agilidade que não imaginaríamos possível num paquiderme de tais proporções. Cada peça, regra geral com o formato da suite, apresenta-se como um ângulo mais de observação dos conceitos musicais propostos, tanto dependendo de uma bem oleada disciplina colectiva como da maior espontaneidade. Aspecto curioso é a utilização da voz pelos próprios instrumentistas em jeito de "spoken word" (oiça-se "Fegefauer der Vokale", ou em Inglês, "Purgatory of Vowels") e, em alguns casos, de efeitos vocais extensivos durante a própria execução instrumental (o saxofonista tenor solista de "Hot Spots, Tai Chi & More", infelizmente não identificado). Tudo isto obedece a um programa de acção, a que Stein dá o nome de Pata Music, e que consiste em procurar novas soluções além das ditadas pela razão e pela tradição, ainda que sem romper com ambas. Há muito tempo que não ouvia nada assim de tão marcante com uma orquestra. Este duplo álbum adiciona uma página à história do "bigbandismo"...

Nels Cline / Andrea Parker / Tom Rainey: "Downpour" (Les Disques Victo)

Tratando-se, como se trata, de uma música baseada em texturas, Tom Rainey é o baterista certo para este trio. Os seus rendilhados percussivos granjearam-lhe fama e proveito, tanto assim que está constantemente "on the road". Mas porque é igualmente competente em situações rítmicas (sabemos isso desde a sua colaboração com Tim Berne), numa passagem ou noutra de "Downpour" ouvimo-lo a estabelecer alguns marcados "beats". Porque está especialmente bem nos dois domínios, a nossa audição concentra-se no que faz. E no entanto, tem a seu lado músicos que, à partida, lhe roubariam tal protagonismo, ele que sempre se tem contentado com a condição de "sideman" apesar dos seus extraordinários dotes. A nem sempre constante Andrea Parkins (acordeão, electrónica) convence-nos neste novo CD e o que o guitarrista Nels Cline nos oferece está à altura das suas melhores prestações sobre suporte disco. Entre o noise e a laboração ao nível harmónico, Cline com papéis bem definidos no primeiro plano e Parkins a actuar sobretudo no segundo, criando "soundscapes" que funcionam como cenários onde tudo o mais "acontece", este é um bom exemplo de que há uma improvisação depois da chamada "música improvisada". Praticada por músicos, de resto, que ao não-idiomatismo desta última contrapõem a utilização de certos aspectos dos idiomas musicais existentes. Nels Cline é um exemplo disso mesmo, com um percurso que tem passado pelo rock (com os Wilco) e pelo jazz (o seu recente tributo a Andrew Hill). Recomendado aos abertos de espírito...

Nels Cline: "New Monastery" (Cryptogramophone)

Na música como em outras disciplinas artísticas, há dois tipos de tributos: os reverenciais, que regra geral não têm qualquer perspectivação crítica ou de interpretação personalizada do homenageado, e os que, pelo contrário, dão conta da influência deste enquanto algo que foi digerido e incorporado num corpus musical próprio. É esta última a proposta que nos dirige Nels Cline com "New Monastery", o disco em que "toca" o grande compositor e pianista que é Andrew Hill. O facto de Cline ser quem é mais reforça o interesse deste trabalho, dado que, à partida, não seria de esperar um "statement" como o presente. Guitarrista improvisador, mas também compositor e arranjador (nesta área de intervenção com dotes engenhosamente confirmados) com um gosto especial pela noise music e dupla actividade no jazz e no rock, neste caso enquanto membro do grupo Wilco, Cline é bem o exemplo de um músico de interesses vários, se bem que em todos eles marque a fogo o seu cunho muito próprio. A opção de não incluir um piano (além da guitarra eléctrica a instrumentação integra clarinete, corneta, acordeão, contrabaixo e bateria – não propriamente a mais hilliana das formações) reforça o distanciamento pretendido, e este permite uma abordagem mais free do que a de qualquer dos discos de Andrew Hill na Blue Note em que foram "picados" temas. O papel desempenhado pela seis-cordas de Cline lembra o que fez Otomo Yoshihide na revisitação do "Out to Lunch" de Eric Dolphy pela sua New Jazz Orchestra, embora de forma mais argumentativa, mas é natural que as atenções se voltem para a participação do consagradíssimo Bobby Bradford, a quem se deve uma boa parte do sucesso da iniciativa. Atenção, igualmente, ao cada vez mais interessante Ben Goldberg.